

COLUNA

AFROGAY

César Gomes Lola

Memórias de um bosque

Recentemente revi o vídeo da romancista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, levando-me a divagar sobre algumas questões sobre a história única tão utilizada para subjugar um seguimento, povo, cultura ou comportamentos.

A reflexão me pôs até os “pontos de “caçassão” e ao sexo furtivo.

Caçassão: talvez essa palavra só exista no linguajar da comunidade LGBTT.

A Adichie, pontua como ficamos impressionáveis e vulneráveis a uma história de apenas uma versão ou que, pelo menos, somos sabedores apenas de uma versão, justamente a que nega a possibilidade de se construir o lado positivo da mesma história.

Via de regra essa “história única” vem carregada de preconceitos discriminatórios por querer afirmar e reafirmar quem é o lado maior e quem é o lado menor, o mais forte em detrimento ao mais fraco, o moralmente aceito do marginal imoral, o que entende como positivo em aversão ao que se quer manter negativo. Tudo isso numa perspectiva de dominação ou manutenção do poder.

O poder de contar a história da outra pessoa começando pelo fracasso, pelo negativo ou pela sua ótica do que seria um fracasso e negativo, muito bem colocado pela Chimamanda Ngozi Adichie.

Há total concordância com ela ao defender que a história única é mentirosa e rouba a dignidade das pessoas; porque cria estereótipos, e o problema





dos estereótipos não é que são mentiras, mas sim que são incompletos. As “histórias únicas” têm sido usadas para desapropriar e tornar maligno, segundo a romancista Adichie.

Isso me faz pensar em quantos momentos em que numa roda de debate entre amigos, por exemplo, se uma pessoa emite um comentário negativo sobre algo ou alguém a tendência é que as falas que vem depois vão reforçar esse ponto negativo, muitas vezes na base do “achometro”.

O estereótipo realça o ponto negativo e invisibiliza/minimiza a construção histórica, todas as nuances que fazem parte de uma pessoa, de uma cultura, de uma situação. É sinônimo de negação do diferente, do que pode causar uma ameaça, ou também pode ser para neutralizar aquilo que se deseja, mas não tem a coragem para assumir.

Início dos anos 90, peguei me refletindo sobre a história única que ouvia sobre os gays frequentadores dos espaços de caçassão e os estereótipos davam contas de que:

- pessoas pobres que não tinham dinheiro para motel;
- maioria negras ou pardas;
- de baixa escolaridade, sem acesso à cultura;
- tímidas;
- a penumbra esconderia o que se entende por não beleza;
- promíscuos, imorais;
- incapazes de um relacionamento monogâmico;
- sem *sex appeal*;
- de baixa estima.

O campo desmistificou essa história única, não que eu não tenha encontrado estes “estereótipos”, mas outro lado também é verdadeiro:

- pessoas medianas e ricas;
- brancas, orientais e até indígenas;
- universitários e até doutores;

- extrovertidas;
- bonitas e belíssimas;
- casal a procura de emoções diferentes ou até um terceiro travesseiro;
- sex e não tão sex;
- autoestima elevadíssima.

Essa perversidade da história única, não revela o paralelo das zonas de prostituição frequentado pelos heteros machos alfa. Não revela que no campo da sexualidade os fetiches tanto quanto os estereótipos que são ou podem ser rotulados cabem para os heterossexuais como para as pessoas LGBTs.

Há de se registrar que nesses espaços de caçassão a frequência de gays negros é visivelmente bem menor do que brancos ou pardos e que estes raramente são a primeira opção de escolha para o prazer.

Fica explícito que durante o “trottoir”, que na maioria das vezes, um branco ao cruzar com outro branco há uma encarrada de olhares que estende se por todo o corpo, porém, ao cruzar com um negro o olhar é desviado ou olha-se ao horizonte ignorando a presença negra, em certos momentos há até um gestual de repulsa ou medo com a aproximação do sujeito negro.

Nesse microterritório o racismo simbólico também está presente reproduzindo a concepção de uma história única expressa por parte de uma sociedade.

Um corpo negro desejado, todavia, não aceito publicamente.

Quero aqui encerrar este momento de reflexão com esta poesia que escrevi em 16/08/1991 às 17 horas, no Bosque atrás do Museu do Ipiranga.



Memórias de um bosque

A solidão traz carências afetivas
A carência leva a busca de emoções,
e sensações libidinosas,
as vezes sadias, outras nem tanto,
tanto para o corpo como para a mente.
Ouso penetrar o bosque
em busca de emoções diferentes.
Uma placa adverte:
“Das trilhas nada se tira
a não ser fotos.
Nada se leva,
a não ser lembranças.
Nada se deixa,
a não ser pegadas.”
Há o verde
para melhor respirar.
Há as matas e moitas
que permite o coito.
O vento que passa
indaga a (caça).
No bosque há a procura
que leva ao carnal prazer.
Numa moita qualquer
o prazer furtivo
traz a consciência
a lacuna não preenchida.
Do bosque se leva lembranças
e se deixa com as pegadas gotas de prazer.
O vento que corre
apaga as pegadas,
o tempo que passa
não apaga as lembranças.

César Gomes Lola



Membro Fundador Grupo CORSA - São Paulo/ SP – 1996, Membro Fundador Rede Afro LBTT - Brasília/DF – 2005, Membro Fundador Red Afro LGBTI de America Latina y el Caribe - Barranquilla/ Colômbia – 2017, Editorial Revista do Carnaval do Povo - São Paulo - 2021, Graduação em Serviço Social (2014), Pós-Graduado em História e Cultura Afro Brasileira - UNISAL (2015), Avaliador de Carnaval - UESP / EFA - São Paulo/SP - desde 2018, Prêmio Força da Raça - Campinas / SP – 2010, Diploma Honroso Zumbi dos Palmares da Câmara Municipal de Campinas – 2011.

